



DIRECTOR  
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

**O SECULO**

DE SANTA  
RITA



Por AUGUSTO DE SANTA RITA

DESENHOS DE A. CASTANE



«*Tim-tam-tim-tim*» era um lindo palhaço de pasta, seradura e trapos. Com dois pratos metálicos nas mãos, passava a vida a tocar — «*Tim-tam-tim-tim!*... *Tim-tim-tam-tam!*...»

Fizera a alegria de muitos meninos e meninas, de muitos loiros bebês. Mas já de nada servia; já não possuía pratos, tinha o seu lindo fato debotado e rôto,

enfim, sentia-se, com tristeza, velho e desprezado.

Atirado para o asilo dos brinquedos partidos, velho baú na casa da arrecadação, «*Tim-tam-tim-tim*», saudoso da sua mocidade agitada, da vida alegre que levava, decidiu escrever um pequenino livro de memórias.

São essas memórias que hoje aqui vamos reproduzir, pois logo na primeira página desse ingénuo livrinho «*Tim-tam-tim-tim*» inscrevera a seguinte lisongeira e amável dedicatória: — *Aos pequeninos leitores do «Pim-Pam-Pum», cujas lindas histórias tantas vezes ouvi ler aos meus antigos donos, para que eles fiquem sabendo quanto vale e é útil tão engraçado brinquedo como eu fui.* E, na página imediata, «*Tim-tam-tim-tim*» principiava assim:

Nasci num dia de Primavera, numa alegre oficina de bonecos de pasta, pomposamente intitulada Fabrica Manual de Bninquedos.

Entrava a luz a jorros por uma claraboia, pondo

a secar ao sol outros recém-nascidos como eu, pintados e retocados de fresco pelas hábeis mãos duma pequena operária deveras habilidosa. Haviam, como eu, já passado por mil tratos de polé, de mão em mão, desde a modulação da argamassa de papel e farinha, que constituía o nosso arcabouço físico, à confecção e aplicação do nosso ves-

(Continua na página 4)



# A BEXIGA DE PORCO, O SAPO SAPUDO E OS MENINOS TOLEIRÕES

**P**OR um canudinho que faz de rabinho, o Zé duma figa, assopra, de bôrco, enorme bexiga em forma de porco. E ao vê-la inchar tanto, o Zé duma figa, lembra-se do canto: --rebenta a bexiga!...

Contudo, no intento de ver o porquinho cheinho de vento, assás vermelhinho, de grande bochecha, o Zé duma figa, vai sempre assoprando, de enchê-lo não deixa.

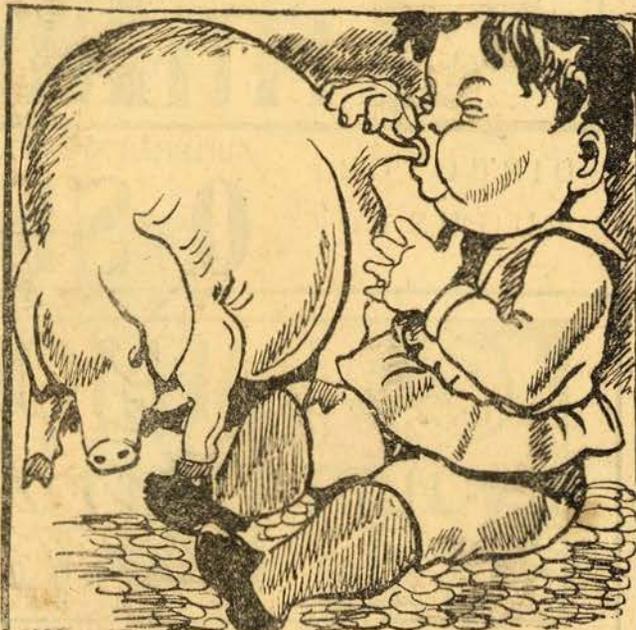
Mas vai, senão quando, o Zé duma figa, ao ver o volume da grande bexiga, lampreiro, presume que é só questão d'ar, questão de assoprar, torná-lo tal qual o gordo suino que viu num curral fossando no estrume.

Que tolo menino, bem tolo, afinal,

pois tanto soprou insistentemente, tanto o porco inchou que, súbitamente, fez: --Pum!... rebentou!

Nesse mesmo dia, em certa lagôa, que havia lá no seu quintal, em Lisbôa, o Zé duma figa, para se esquecer da sua bexiga de pôrco, foi ver, oculto, de bôrco, atrás dum salgueiro, dois sapos que havia nadando, coaxando de noite e de dia naquele chiqueiro d'água pantanosa, e viu esta cousa deveras estranha:

Um sapo sapudo, bastante paçudo, tanta água bebia, de bôrco, que tinha a barriga já quási tamanhá... tal como a bexiga de pôrco.



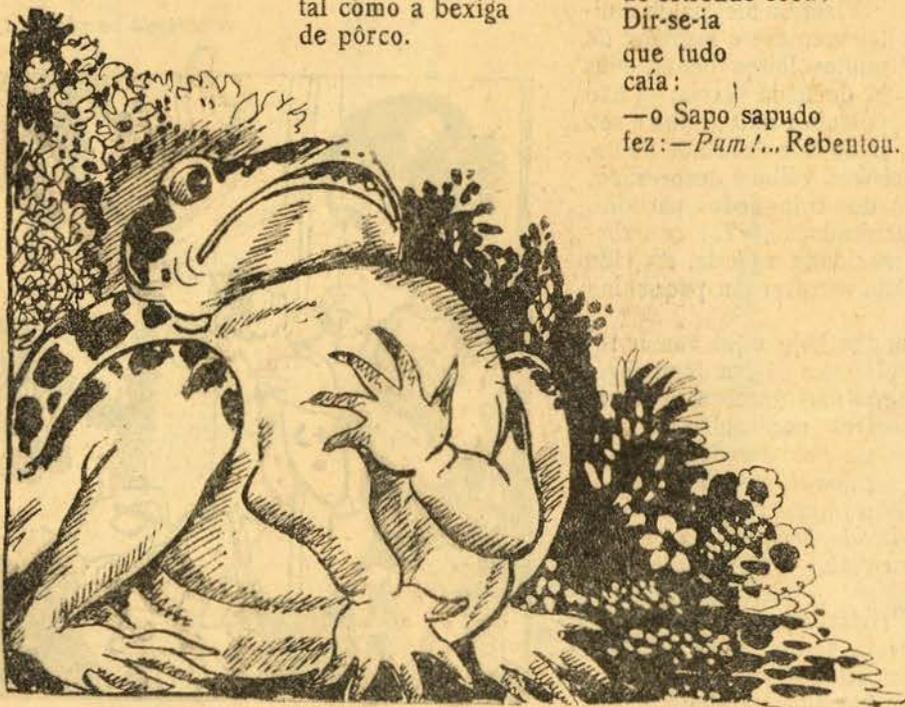
E impava de orgulho, mostrando o bandulho tão grande, tão cheio, que o outro sapinho com medo, receio do sapo vizinho, deu, logo, um mergulho. Mas, nisto, um barulho de estrondo soou! Dir-se-ia que tudo caía:

—o Sapo sapudo fez: --Pum!... Rebentou.

Há certos meninos tal qual as bexigas, em forma de suínos, que de ar vão inchando as barrigas; ou como este sapo que, ao outro, ostentando o seu papo, por fim rebentou!

Por isso um conselho, com toda a franqueza, vos dou: — mirem-se remirem-se, aqui, neste espelho.

Pois quem faz alarde duma fortaleza que só aparenta, mais cedo ou mais tarde, faz: -- Pum! e rebenta!



■  
AUGUSTO  
DE  
SANTA-RITA  
■



# Memórias dum palhaço de pasta

(Continuado da página 1)

tuário garrido, desde a estrutura grosseira das formas primitivas, ao requinte final dos últimos retoques a tinta de óleo e verniz.

Em boa ou má hora, finalmente nascido, fui atirado ao mundo, passando dessa officina à mostra duma loja. Vi, então, desfilar em minha frente, através dos vidros, uma infinidade de gente, principalmente bebês. E comecei, então, a sofrer com pena das criancinhas pobres que tanto me cobijavam e me não podiam comprar. Um dia, ouvi um diálogo entre dois pequenitos de pé descalço que muito me comoveu: Dizia o mais novo ao mais velho, que devia ter oito anos: — «Se eu tivesse dinheiro para comprar aquele palhacinho, seria a pessoa mais feliz d'êste mundo!»

— «E eu! (exclamou o outro, acrescentando:)  
— Vamos pedir esmola e quando tivermos o dinheiro preciso, viremos comprá-lo!» O mais novo aprovou satisfeito e foram...

Meia hora depois, entrava na loja uma menina, filha de gente rica que, em companhia da mestra, uma «miss» inglesa, me adquiriu em troca duma nota de dez escudos. Fui novamente metido na caixa de cartão, em que viera da Fábrica, e nada vi mais, durante meia hora, talvez.



Dentro da caixa, fui todo o tempo a pensar nos garotinhos descalços, que tanto me haviam cobijado e que andavam esmolando àquela hora na esperança de poderem juntar o dinheiro preciso para me adquirirem, mal contando com a decepção que passariam, quando viessem a saber que já



me tinham vendido como um simples escravo em épocas remotas. Coitaditos!

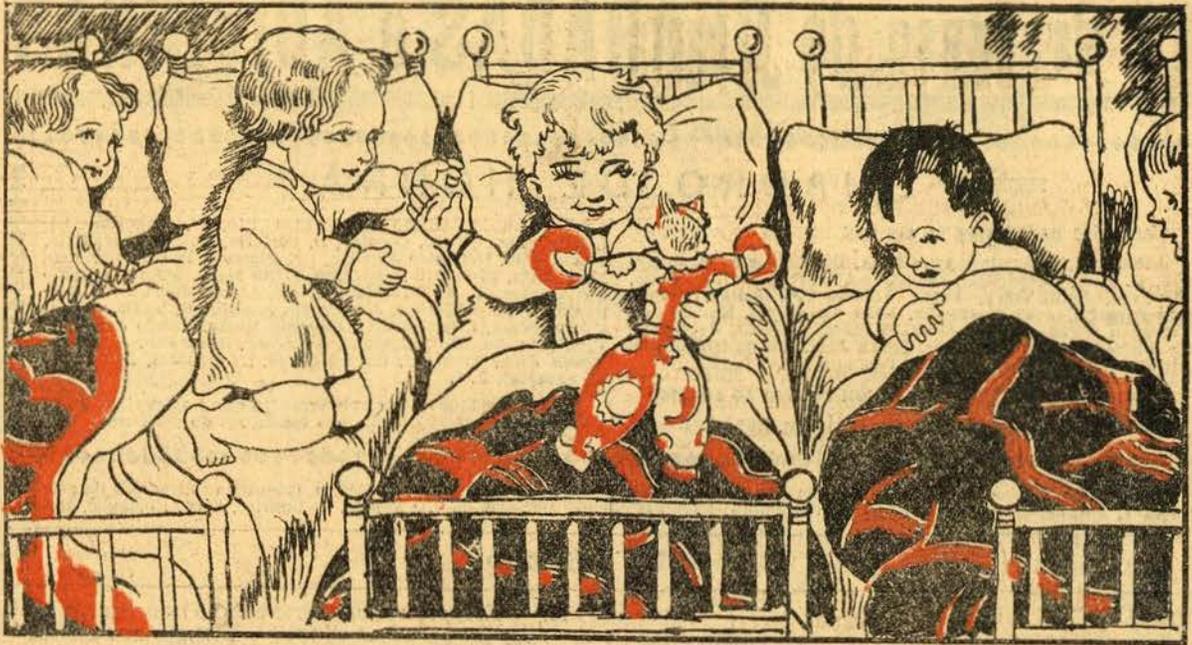
Passado algum tempo, porém, notei que estavam desembulhando a caixa e, subitamente, a tampa levantou-se. Vi-me, então, numa casa luxuosa, cheia de luzes electricas, entre meninos finos. Todos me olhavam com estranha curiosidade. A menina que me havia comprado, com o seu dedo polegar, comprimiu-me o peito e puz-me a bater pratos entre a geral risota dos restantes meninos. Andei de mãozinha em mãozinha, a bater pratos e a dizer sem querer o meu nome: — «Tim-tam-tim-tim!» «Tim-tam-tim-tim!» «Tim-tam-tim-tim!»...

Porém, dois dias depois, vi-me abandonado, a um canto da casa das brincadeiras. Cheguei, então, à conclusão de que os meninos ricos são ingratos e facilmente esquecem aqueles que os beneficiam, divertindo-os, fazendo-os rir. Cheguei a ser pisado e, uma vez, bati pratos no chão, contra vontade, à pressão dum pezinho no meu peito.

Um belo dia, ouvi a mãe da minha compradora, exclaimar: — «Luizinha, acabo de receber um officio da Direcção da Infância Desvalida, pedindo-me, para as criancinhas pobres, os teus brinquedos usados. Vai buscá-los, pois é um dever dos ricos protegerem os pobres».

Num grande embulho, entre um automovel de corda já partida, um barquinho à vela, já sem leme, uma boneca sem um braço, um engraçado polícia sinaleiro, um boizinho, de pasta como eu, e uma caixa incompleta de soldados de chumbo, lá mergulhei, novamente, nas trevas, para, novamente, ver a luz do dia, meia hora depois.

Encontrei-me, então, subitamente, numa enfermaria de crianças. Uma senhora de bata branca, começou a fazer distribuição de brinquedos aos pequenitos doentes. A medida que os ia distribuindo, eu ia observando as expressões radiantes com que elles os recebiam. Coube por fim a mi-



nha vez. A que delicadas mãozinhas eu iria parar?! Qual não foi, então, o meu agradável espanto ao encontrar-me na posse do pequenino que, descalço, em frente da montra, propuzera, ao mais velho, irem pedir esmola para me adquirirem. Loucos de entusiasmo, os pequenitos enfermos divertiam-se com os brinquedos que tanto tempo haviam estado desprezados na casa das brincadeiras, da ingrata menina rica, mas que, todavia, ao bom conselho maternal, anuira, de bom grado, à caridosa esmola em benefício dos pobrezinhos enfermos que batiam as palmas, radiantes, ao mesmo tempo que, jubilosamente, eu ia batendo

os pratos. Foi esta uma das épocas mais felizes da minha vida.

Enternecido pela grande alegria das crianças pobres, resolvi, então, escrever estas pequenas memórias, para que, ao lerem-nas, os meninos ricos, que teem esquecidos brinquedos na casa das brincadeiras, se lembrem dos meninos pobres que, nas tutorias, creches ou hospitais infantis, aguardam, ansiosamente, a generosa oferta desses «bonitos» usados.

F I M

## O CONTRABANDISTA N.º 13

(Continuado da página 3)

uma certa afeição, traduzida em longas e amiadadas conversas, elogiosas à sua pessoa.

Este é que não via, ou fingia ignorar, essa afeição, traduzida em ternos olhares e bons conselhos.

Bastantes vezes ela lhe pedira que deixasse tal vida cheia de perigos.

Sempre encontrara uma resistência tenaz.

Nesse dia os conselhos repetiram-se mas com o mesmo resultado das outras ocasiões.

Alberto, depois de concluído o negócio com o tio Rodajas, tomou o rumo da fronteira, sendo favorecido por uma noite escura como o breu, e carregada de nuvens pesadas, ameaçando chuva.

A sua marcha era apressada, seguindo um atalho que distava uns quilómetros do posto mais próximo.

«Não havia, portanto, perigo» — pensava ele.

E, tranquilamente, seguia o caminho, não reparando num vulto que o esperava, cortando-lhe a carreira.

Chocou com ele e, só então, compreendeu que fôra apanhado como um manso cordeirinho.

A fuga era impossível. Ficou hirto como uma estátua, olhando aquele que, tão facilmente, o prendera.

«Segue-me...» disse o desconhecido guarda.

Encetaram os dois uma marcha penosa através de montes e vales, cobertos de mato que, por vezes, feria as pernas, dificultando o andamento.

Chegaram, finalmente, ao posto. Nessa noite, Alberto não pode dormir, pensando nos acontecimentos da vida perigosa que levava.

Maldito número 13 que ainda não me deste sorte alguma — (dizia Alberto, no auge do cruel desespero). — E ficava-se, longo tempo, olhando um ponto fixo...

De manhã, ainda o sol mal nascera, já um guarda batia, violentamente, à porta, avisando-o de que a marcha, caminho da vila, ia recomeçar.

Pouco depois, marchavam estrada além...

Chegados ao seu destino, esperava-os

uma multidão ameaçadora, que o apunhava a todos os momentos.

Sobre a cabeça do prêsso pesava a grave acusação dum crime de morte, praticado na pessoa dum guarda.

Aventavam-se as hipóteses mais absurdas.

«Sim, não há dúvida, vingou-se da morte do pai».

«Assassino! assassino!»

Os gritos dessa multidão acusadora, sacudiam, violentamente, Alberto, ecoando no fundo de sua alma adormecida e insensível a sentimentalismos.

Chegaram, finalmente, e a muito custo, à cadeia, uma enxovia de velhas paredes.

Alberto foi lançado na prisão, fortemente gradeada, tendo, unicamente, uma janela de largas vistas para o quintal do carcereiro.

Era a única vantagem de que gosava o prisioneiro.

Podia apreciar aquele belo sol de inverno,

O dia passou-o sem novidade de maior, até que a noite, com o seu manto de treva, invadiu a cela.

(Continua no próximo número)

# 1º CONCURSO de CHARADAS e ADIVINHAS

## QUADRO DE HONRA

### CAMPEÕES DAS SÉRIES VI A X COM DIREITO AO SORTEIO

Anibal Ortiz Martins, Andorinha, Bê, Cuca e Nico, Cochicho, D. Fafe, Desportista, Detective Amador, Ego, El-Magrito, El-Magro, Edith Mary, Fakir, Fidalgo dos Santos, Hellos, Izabel Maria, José Hespanha, Leão das Selvas, Manuela da Vizitação Sereno, Mibel, Mascote, Morgan, Necas, Perdígota, de Entre-Campos, Pica Pau, Texas Jack, Um de Marmeleite, Um Obidense, Zéca, João Batista Campina J.º.

### CAMPEÕES DAS SÉRIES VII A XI COM DIREITO AO SORTEIO

Agulha Francosana, Anibal Ortiz Martins, Antonio Barros,

Arsénio Lupin, Antero dos Santos Ribeiro, Angelita, Bê, Babeta, Cuca e Nico, Cochicho, D. Pêricles, Doutor Gharadista, Desportista, Detective Amador, Dr. Planaga, D. Quixote, Ego, El-Magrito, El-Diabito, El-Magro, Edith Mary, Fakir, Fidalgo dos Santos, F. de Ravachol, Hellos, Izabel Maria José Hespanha, João Lourenço, José Maria (Campeão), Kallfa, Larga-Ilxa Nervosa, Lita, Mascote, Morgan, Necas, Nando Januario, Perdígota de Entre-Campos, Pica-Pau, Piranan, Rigoletto, Texas Jack, Tinlhas, Um Obidense, Zé Quitolas, Zéca, João B. Campina J.º.

Pedimos a todos estes concorrentes que nos enviem o seu retrato para ser publicado, nas condições do Concurso.

Premiados nas Séries V a IX — (Com um lindo livro) — Bananiz, Izabel Maria, Abelha Mestre, (com uma construção de armaz.) — Manuela V. Sereno, Edith Mary, Armando Saturnino, Fakir, Cochicho, Manecas de S.º Amaro, El-Magrito, Zéca, El-Magro, Hellos.

### XIV Série

#### CHARADAS EM FRASE

- 1.º — Este *polícia* apanhou um *temporal* apesar de levar este objecto de uso doméstico. 3-2  
*ganador: Delfina Pitorra*
- 2.º — No oceano encontrei o *apelido* de um fruto. 1-2  
*marmelo Juju*
- 3.º — No nariz a *ave* areja. 2-2  
*ventarola Anísio de Azevedo Soares*
- 4.º — Vi no membro desta *ave* uma pedra preciosa. 1-2  
*perola D. Quixote*
- 5.º — Esta *madeira* oferece a maneira de calcular. 3-1  
*tabuleira Rui Silva*

#### CHARADAS AUMENTATIVAS

- 6.º — Da *colmeia* tira-se este fruto. 1-2  
*melão Ricardito*
- 7.º — Com este *ponteiro* bati no homem. 2-2  
*Jodaslio*
- 8.º — Neste *rio* caiu a *fruta*. 2-2  
*limão Amas Asor*

#### CHARADAS SINCOPADAS

- 9.º — O *verdugo* está *partido*. 3-2  
*Carraceiro H. Moniz*
- 10.º — Há muitas *ruas pequenas* nas pequenas *povoações* 3-2  
*melas Vidalegre*
- 11.º — *Homem eu tenho fogo!*... 3-2  
*Armando - Ard. Micles de Tricles*

- 12.º — Esta *peça de vestuário* está no meu domicílio. 3-2  
*Camisa - Ceca Fidalgo dos Santos*
- 15.º — A *larva* foi morta com esta *folha*. 3-2  
*lagarta - can Alfreao Lopes Cascais*
- 14.º — Este *esfomeado* não tem *vestuário*. 3-2  
*farrinco - fato Jobista Junior*
- 15.º — Esta *casca* parece-me um *antilope*. 3-2  
*castanha - corça El-Magro*

#### CHARADAS ELECTRICAS

- 16.º — O *passaro* dirigiu-se para aquela *propriedade*. 2  
*coro - roça H. Moniz*
- 17.º — O *cheiro* vem do *pacote*. 2  
*cheiro - rolo Micles de Tricles*
- 18.º — O *Deus* passaria por este *canal*. 2  
*Deus - canal J. O. T.*

#### CHARADAS DUPLAS

- 19.º — Aquele *rio* suja tudo. 1  
*rio J. O. T.*
- 20.º — Aquele *homem* é um curso de *água*. 3  
*rio - ribeiro Um rival de Texas*

As decifrações destas charadas, devem estar em nosso poder até às 6 horas da tarde do dia 26 de Novembro (sabado). Pedimos desculpa a todos os concorrentes premiados da demora que tem havido na entrega dos respectivos prémios, os quais já devem estar a esta hora em seu poder.

**TIO TONIO**  
Rua do Seculo, 43  
L I S B O A

### Solução das Charadas e Adivinhas publicadas no n.º 354 (XII Série)

- |                      |                         |                      |
|----------------------|-------------------------|----------------------|
| 1.º — Bala-balão     | 8.º — Labutes-Setubal   | 14.º — Mandato-manto |
| 2.º — Julia-Jullão   | 9.º — Animal-lamina     | 15.º — Mudado-mudo   |
| 3.º — Crista-cristão | 10.º — Marina-mana      | 16.º — Amaro-aro     |
| 4.º — Dobra dobrão   | 11.º — Francisco-franco | 17.º — Materla-Maria |
| 5.º — Olho-olhão     | 12.º — Garoto-gato      | 18.º — Peçonha-penha |
| 6.º — Missa-missão   | 13.º — Século-selo      | 19.º — Palonço-paço  |
| 7.º — Pata-patão     |                         |                      |

### MAIS CONCORRENTES PREMIADOS



EGO  
Emílio Quaresma  
de Almeida

REI DA ITALIA  
Victor Manuel da  
Rocha Gomes

EL-REI GOMOS V  
Elviro Augusto da  
Rocha Gomes

MARIA DE LOURDES  
Maria de Lourdes  
da Rocha Gomes

HER-LATINO  
Albertino Adello  
Rocha Gomes

O PRESBITERO  
Eurico Aquiles  
Seixas

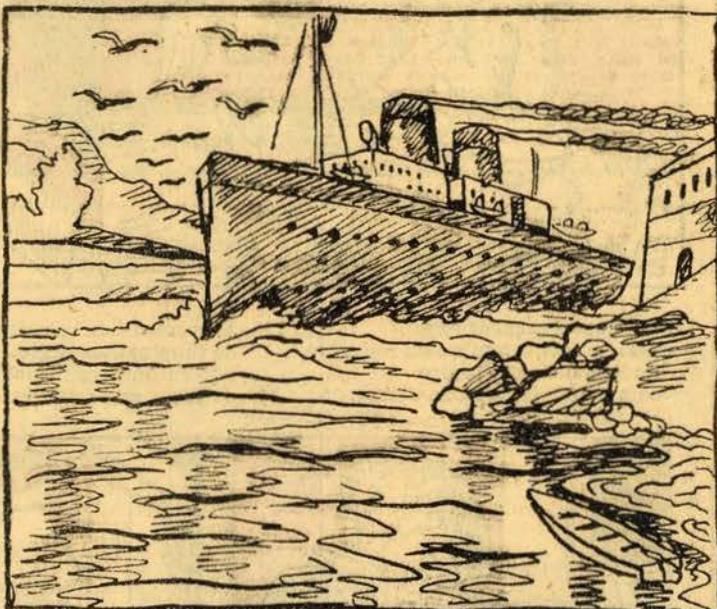
# HORA DO RECREIO

## ADIVINHA



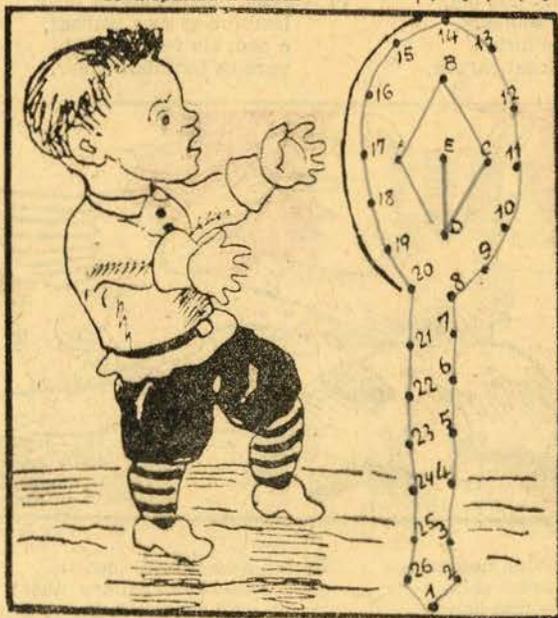
Meus meninos: - Vejam se descobrem onde se meteu o coelho que este caçador se dispunha a matar

P  
A  
R  
A  
S  
M  
E  
N  
I  
N  
O  
S



■ COLORIREM ■

A  
D  
I  
V  
I  
N  
H  
A



Que terá visto este menino, que tanto o assustou?

Que nomes são?

Substituir os números por letras, de maneira a formar palavras acabadas em AO.

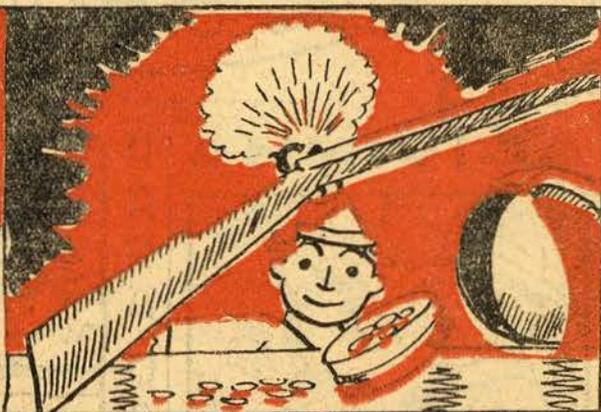
Sinónimos:

- 1 - animal doméstico
- 2 - oferecem.
- 3 - maestro português.
- 4 - parte do corpo.
- 5 - negação.
- 6 - alimento.
- 7 - bom.
- 8 - advérbio de quantidade.

# A LEMBRANÇA DO CHICO-LARICO

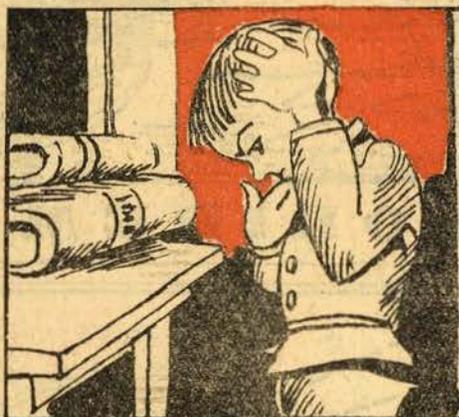


I — Com ar de caçador rico, vale em vale, escombro em escombro, andava o Chico-Larico com sua espingarda ao ombro.

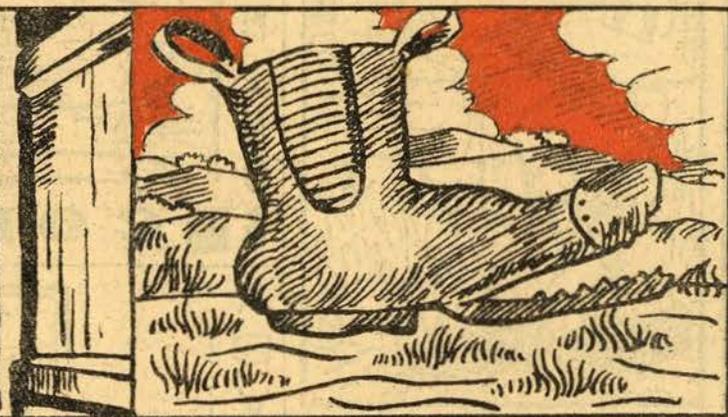


II — Mas como esta caçadeira de fulminantes só era, não encontrava maneira de caçar como quizera!

III — E o nosso Chico-Larico, com um dedito na testa, dizia: — «Que mafarrico de espingarda, que não presta!»

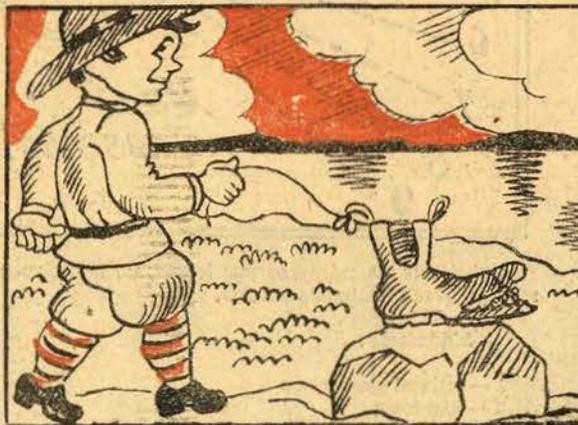


IV — Em casa dava mil tratos ao seu bestunto, a pensar, vendo, na lagôa, os patos, como havia de os caçar?!...

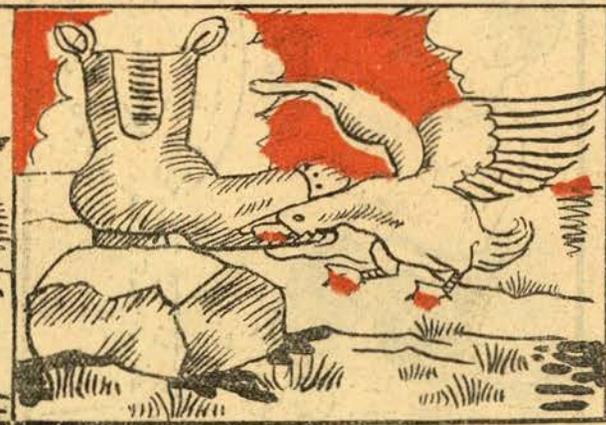


V — Deparando, um certo dia, velha bota abandonada, tão rôta que se diria 'star de bôca escancarada,

VI — bateu dois dedos na testa, lembrou-se de a utilizar, e com ela fez a festa, para os patinhos caçar.



VII — Atou-lhe, à ponta, um cordel e, indo buscar paparoca, à laia d'isca, então êle escondeu-se e pôs-se, á coca!



VIII — Logo um patinho, nadando, como um patinho caíu, e a bota, bota não dando, o seu papel bem cumpriu.

IX — Chico-Larico, contente, batendo as palmas, dizia: — «É sempre bom ter a gente um pouco de fantasia!»